

Sobre nomes e coisas: Arnaldo Antunes em sala de aula¹

JÚLIA CAROLINE DE MATOS
ÉRICA DIAS GOMES
DAIANE SOLANGE STOEBERL DA CUNHA

■ 282

Júlia Caroline de Matos é arte-educadora (UNICENTRO). juliamatos.ae@gmail.com.

Érica Dias Gomes é licenciada em Música (UFRJ) e Mestre em Educação (UNICENTRO). Professora assistente de música no Departamento de Arte da UNICENTRO.

Daiane Solange Stoeberl da Cunha é pedagoga (UNICENTRO), mestre em Educação (UFPR), doutoranda em Música (UNESP). Professora assistente de música no Departamento de Arte da UNICENTRO.

¹ Pesquisa realizada no trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Arte-Educação em 2014.

■ RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar sobre a compreensão de alunos de um curso de formação de docentes sobre as obras audiovisuais “Nome” e “Carnaval” de Arnaldo Antunes, pensando na forma com que percebem seu cotidiano e a sociedade atual por meio da interpretação. O questionamento que se faz é como, a partir da reflexão sobre as obras do artista, desenvolver um trabalho de sensibilização, investigação e criação em sala de aula. A pesquisa participante apresenta uma proposta pedagógica realizada com uma turma de estudantes do curso de formação de docentes do Colégio Estadual Visconde de Guarapuava, buscando desenvolver assim a expressividade e a formulação de ideias de forma conjunta, por meio do desenvolvimento de um processo criativo. Foram analisados os resultados das propostas realizadas em sala de aula, além dos registros em diário de campo. Por meio da pesquisa, percebeu-se a importância dos trabalhos que envolvam fruição, reflexão e produção como forma de apropriação dos conteúdos.

■ PALAVRAS-CHAVE

Vídeo- Poema, Poesia concreta, Arte e ensino, Processos criativos.

■ ABSTRACT

This research is related to audio-visual works "Nome" and "Carnaval" by Arnaldo Antunes, through the view of students of a Teacher Formation course. The main question is how to develop a work of sensibilization, investigation and creation in classroom through the reflection about these two works. The participatory research presents a pedagogical proposal conducted with a group of students of a teacher formation course at the Visconde de Guarapuava state school, aiming to develop at the same time the expressiveness and the formulation of ideas through the development of a creative process. Results' analyses of the pedagogical proposals performed in classroom were made as well as the diary's records. Through this research it was possible to understand the importance of working with activities that involves fruition, reflection and production as a way to apprehend the content.

283 ■

■ KEYWORDS

Video-Poem, Concrete poetry, Art and education, Creative processes.

Introdução

O movimento concretista na poesia se deu no Brasil nos anos de 1950, especialmente na cidade de São Paulo, tendo Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos os poetas significativos para este processo. Eles investigavam a exploração do texto e seus limites, com o desejo de criar um poema que pudesse transcender a escrita, um objeto, uma coisa, uma história que se projeta na literatura, ou ainda, um manifesto ou uma expressão poética que brinca com as palavras, transformando-as. Este projeto incluía a utilização da poesia no espaço que ela ocupa, com rupturas de padrões e novas informações, inserindo em seus experimentos o que havia de moderno e tecnológico na época. (SIMON; DANTAS, 1982)

A poesia concreta influenciou posteriormente vários trabalhos artísticos, dentre eles destacaremos aqui os de autoria de Arnaldo Antunes. Artista multifacetado, engajado na produção artística, tem um vasto repertório de músicas, poemas, instalações, vídeos e ideias performáticas, tendo produzido trabalhos diversificados em cada fase de sua vida, entre eles, trabalhos em parceria e também individuais. Sempre buscando possibilidades e experimentações, investiga vários suportes e

técnicas ao mesmo tempo e utiliza de vários recursos tecnológicos em suas produções, tanto na área da música como na área de visuais (ARNALDO ANTUNES, 2014).

Segundo Gardel (2008), Arnaldo Antunes tem postura pós-concreta, indo além do movimento do qual absorveu características como: “[...] o instrumental lingüístico e semiótico; a inserção da escrita ideogramática na escrita alfabética [...]; a pesquisa gráfica e caligráfica [...]; a contaminação multimeios; a poesia visual de fundo construtivista; a poesia; a busca isomórfica de significação entre signo verbal e referente [...]” (GARDEL, 2008, p. 223). O autor aponta que esta base concretista se apresenta ao artista como “solo nutritivo” para novas apropriações:

Tais posturas estéticas, embutidas na criação e divulgação da obra de Antunes, têm como meta o estabelecimento de uma verdadeira reeducação dos sentidos, realizando uma espécie de pedagogia da estranheza, ao tentarem diminuir o fosso existente entre experimentação formal e comunicação ligada à indústria cultural. (GARDEL, 2008, p. 223)

Um dos trabalhos do artista, produzido no ano de 1993, é a seleção de 30 vídeo-poemas, que foram compostos com letras diferenciadas, cores fortes, imagens e movimentos da câmera em combinação com suas músicas. Essa seleção de vídeos se tornou um DVD intitulado “Nome”, tendo sido exibido em festivais de vídeos e premiado internacionalmente (PILLOTTO, 2006).

Com base no interesse em estudar esta obra, foi elaborado e executado um projeto de ensino para estudantes da rede pública estadual, com o objetivo de investigar a interpretação dos alunos em relação às obras, mais especificamente aos clipes “Nome” e “Carnaval”. Realizou-se pesquisa participante qualitativa em que foram analisados os relatos dos alunos, e as suas produções no processo criativo, bem como o diário de campo a partir de observação participante.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma experiência pedagógica, realizada pela acadêmica, no Colégio Estadual Visconde de Guarapuava, localizado no município de Guarapuava, no Paraná. Esta experiência é parte de um plano de ação realizado durante o Estágio Supervisionado em Arte, da graduação em Arte-Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura. A pesquisa participante partiu de uma elaboração de plano pedagógico para o ensino de arte, especificamente voltado para Poesia Concreta e produções artísticas do Arnaldo Antunes que dialogam com esta proposta estética, para o contexto de um curso de formação de professores do Ensino Médio. A metodologia adotada foi baseada na abordagem de conteúdos pertinentes aos dois vídeos, como poesia concreta, palavra cantada, edição de imagem e áudio e análise crítica da obra. Para tanto, foram utilizadas estratégias como explanação oral com anotações na lousa, exibição dos clipes com anotações, desenvolvimento de processos criativos e experimentais, socialização dos resultados, reflexão, análise, relatos orais e escritos e apreciação. Para a pesquisa, foram priorizadas as reflexões a respeito da apropriação das obras de Arnaldo Antunes por meio da observação participante com registro em diário de campo e dos processos criativos realizados pelos alunos, bem como de suas interpretações

sobre as obras selecionadas. Conforme Brandão (1985), a pesquisa participante, surgida no âmbito da antropologia, diz respeito à inserção do pesquisador em um ambiente a que não pertence, seja este próximo ou distante do seu, podendo ser atuante em seus estudos como um informante, colaborador ou interlocutor.

A regência ocorreu em turma do Ensino Médio - Formação de Docentes, que possui aulas de Arte somente no 1º ano, sendo duas aulas semanais. O 1º ano Noturno é formado por 38 estudantes, entre 14 e 16 anos. Assim, foram ao todo, oito aulas de observações e doze aulas de regência, sendo dois encontros por semana, de cinquenta minutos cada um.

No primeiro momento do artigo, faremos uma apresentação e interpretação da obra poética de Arnaldo Antunes; em seguida, será apresentada uma breve análise das impressões relatadas pelos estudantes; o terceiro momento reflete sobre a metodologia adotada durante este processo educacional; no quarto momento reflete-se sobre o processo criativo de vídeo-poemas realizado nas aulas e por fim são apresentadas as considerações finais. Com intuito de aproximar teoria e prática, os subtítulos do artigo foram criados, pela acadêmica proponente da pesquisa a partir dos conceitos da poesia concreta.

L **O QUE SE É** **V**

285 ■

A pesquisa teve como foco principal analisar a interpretação dos estudantes em relação às obras de Arnaldo Antunes. A interpretação é parte fundamental no ensino de arte: “[...] à livre-expressão, a Arte-Educação acrescenta a livre-interpretação da obra de Arte como objetivo de ensino” (BARBOSA, 2003, p.17). No âmbito educacional, levamos em consideração essa etapa da apreciação, que pode ser conduzida pelo professor de diferentes formas.

Optou-se por uma abordagem que parte da análise, da apreciação da obra, passando por posterior contextualização e reflexão a fim de, chegar à produção coletiva. Desta forma, levaram-se em consideração os três eixos norteadores do ensino de arte proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) para Arte: fruição, reflexão e produção (BRASIL, 2000). Segundo o documento, a fruição envolve a apreciação significativa da obra, em relação ao seu contexto, enquanto a reflexão diz respeito à construção de conhecimento a partir da mesma, abrangendo a relação histórica e cultural. Por fim, a produção diz respeito ao fazer artístico dos alunos, que, nesta pesquisa, é relacionada ao processo criativo desenvolvido em grupos (BRASIL, 2000).

Desta forma, primeiramente foram apresentados aos alunos os vídeos “Nome” e “Carnaval”, sendo depois utilizados recursos para verificar a forma com que perceberam as obras. Fez-se análise sobre as anotações dos alunos na “Pauta do olhar”, que consistia em uma folha com questões referentes aos cliques do DVD, en-

tregue individualmente antes da apreciação, para ler e direcionar a atenção para o vídeo.

Em se tratando da seleção dos vídeos, pode-se dizer que Arnaldo Antunes utiliza de maneira experimental, para sua construção poética, meios de comunicação virtual, recursos tecnológicos, elementos da visualidade, colagens, palavras e suas expressões, movimento e sonoridade, permitindo assim várias significações. Essas significações fazem parte do cotidiano, pois se trata de uma obra dinâmica e coerente com uma realidade urbana atual.

Na contemporaneidade devido aos novos recursos tecnológicos, as produções artísticas possuem maiores possibilidades de se apropriar da linguagem escrita, que pode se dar de diversas maneiras, pela performance, pelo poema, pela leitura dramática, pela música. Sendo assim, o hibridismo pode ser percebido nas obras apresentadas nesta presente pesquisa, com esta mistura de técnicas e de materiais utilizadas pelo artista. Segundo Pillotto (2006, p. 4), “Arnaldo tem o perfil do artista pós-moderno, que busca, investiga e transita pelo hibridismo das linguagens contemporâneas”. Segundo Santaella:

No sentido dicionarizado, ‘hibridismo’ ou ‘hibridez’ designa uma palavra que é formada com elementos tomados de línguas diversas. “Hibridação” refere-se à produção de plantas ou animais híbridos. ‘Hibridização’, proveniente do campo da física e da química, significa a combinação linear de dois orbitais atômicos correspondentes a diferentes elétrons de um átomo para a formação de um novo orbital. O adjetivo ‘híbrido’, por sua vez, significa miscigenação, aquilo que é originário de duas espécies diferentes. (SANTAELLA, 2008, p. 20)

Apesar de existir em diversos contextos, pode-se verificar em comum o fato da palavra remeter à mistura entre elementos para a formação de um novo elemento. Para Santaella (2003), em se tratando de arte, “[...] são muitas razões para esse fenômeno da hibridização, entre os quais devem estar incluídas as misturas de materiais, suportes e meios”.

O clipe “Nome” (Figura 1), segundo Silvia Pillotto (2006, p.6) é baseada na “[...] sobreposição de nomes que joga com a função de nomear das palavras: ‘algo é o nome do homem; coisa é o nome do homem; homem é o nome do cara; isso é o nome da coisa...’”.



Figura 1. Recorte extraído do vídeo “Nome” DVD “Nome” Arnaldo Antunes, 1993.

É interessante observar que além do fato de nomear, são reforçadas no vídeo apenas algumas palavras ditas na música, e com acréscimo da palavra fome que não está na letra da música. A movimentação das palavras no vídeo é lenta, aparecendo em geral a cada verso cantado, tendo sido, assim, selecionadas somente algumas palavras em relação à letra completa. As palavras são apresentadas em diferentes cores, aparecendo de forma a reforçar o ritmo, em tempos marcados pela voz ou pelos sons utilizados, permanecendo na tela de forma cumulativa. À medida que aparecem, vão se embaralhando, sendo a cor branca mais facilmente perceptível, e, assim, nas últimas palavras, o branco surge como um elemento para guiar a visão em torno das palavras reforçadas na imagem.

Sendo assim, as palavras são apresentadas no vídeo na seguinte ordem, destacando a palavra apresentada em branco: algo, nome, isso, fome, **outro**, homem, homem, rosto, corpo, osso, coisa. Essa mesma sequência é repetida, porém, com todas as palavras em branco, com exceção da última, *coisa*, que dá ideia de transparência, com várias cores fracas a formando. Segue a letra completa, com grifo nosso, destacando as palavras utilizadas no vídeo:

algo é o **nome** do **homem/coisa** é o **nome** do **homem/homem** é o **nome** do cara/**isso** é o **nome** da **coisa/cara** é o **nome** do **rosto/fome** é o **nome** do moço/**homem** é o **nome** do troço/**osso** é o **nome** do fós-sil/**corpo** é o **nome** do morto/**homem** é o **nome** do **outro** (ARNALDO ANTUNES, 2014, s. p.)

287 ■

Já sobre “Carnaval” (Figura 2), Silvia Pillotto afirma que: “[...] enquanto o poema é falado: ‘árvore pode ser chamada de pássaro/ pode ser chamado de máquina/ pode ser chamada de carnaval/ carnaval/ carnaval/’, a palavra carnaval é reescrita muitas vezes até cobrir todo o espaço da tela pela caligrafia em preto” (PILLOTTO, 2006, p.6).

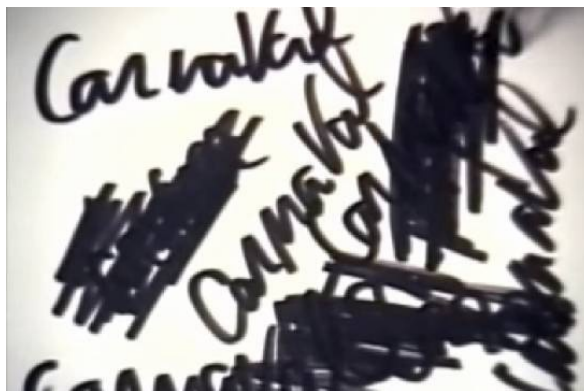


Figura 2. Recorte extraído do vídeo “Carnaval” DVD “Nome” Arnaldo Antunes, 1993.

Neste vídeo, o poema é manuscrito rapidamente enquanto a música no fundo é cantada suavemente, imprimindo diferentes sensações, pois o espectador ao mesmo tempo em que ouve a música lentamente lê o poema em outra velocidade, havendo então repetição tanto na escrita como no som. As palavras árvore,

pássaro e máquina são escritas em sequência, conforme a letra, sendo, logo após sua enunciação na música, rabiscadas também com pressa. O “pode ser” reforça a fragilidade do ato de nomear, na tentativa de substituir a existência das coisas pelos seus nomes. Em seguida, as repetições da palavra carnaval, em consonância com a letra, também são escritas com pressa, tomando conta, aos poucos, do branco mostrado, e mesmo não rabiscadas, mas sim sobrepostas, acabam por quase tomar conta da tela, na cor preta, dando também a ideia de rabisco. Assim, a sua repetição também faz com que “desapareça”, dando a impressão de fragilidade de se fixar algo na forma de palavras. A mesma ideia é passada na música, no momento em que as palavras e rabiscos misturados vão tomando corpo, fazendo sumir a palavra “carnaval” cantada por Arnaldo Antunes e Marisa Monte, ficando somente o instrumental por um tempo e depois o canto é retomado, até cessar, pela diminuição na intensidade.

A comunicação desses clipes é visual, cinética e sonora. Devido à exploração da não linearidade da poesia concreta, a obra nos permite várias interpretações e significados, como afirma Arnaldo Antunes:

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem. Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas. Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história. (ANTUNES, 2000 apud PILLOTTO, 2006, p.2).

Pode-se observar, assim, uma apropriação das palavras, no DVD “Nome”, que implica em uma provocação, levando a um questionamento acerca do ato de nomear coisas. Nesta perspectiva, percebe-se que o artista em seu discurso, vê a poesia como algo sem limitações, dando a ela infinitas possibilidades de interpretações, de acordo com a apropriação que o artista faz. Com base nas opiniões dos alunos sobre os dois clipes “Nome” e “Carnaval”, a serem apontadas na sequência, concluiu-se que houve interpretações múltiplas.

OLH

TRANSFORM

Neste segundo momento foram analisados os 38 relatos obtidos por meio da Pauta do Olhar, buscando perceber a primeira impressão dos alunos a partir da apreciação da obra de Arnaldo Antunes. Para preservar a identidade dos alunos, os mesmos foram numerados para discussão dos resultados.

Analisando as respostas dadas, foi possível estipular duas categorias que permitem uma interpretação dos dados obtidos: indivíduo e coletivo. Ressalta-se que estas categorias foram pensadas como forma de organizar os dados, para fins de análise, de acordo com maior aproximação das respostas com um ou outro caráter. Porém, como em qualquer classificação, as respostas muitas vezes não são claramente divididas em uma única categoria.

A categoria sujeito diz respeito principalmente ao ser humano, ao individual, pois este reage às situações de sua vida e tende a expressar sentimentos, seja por meio de gestos, ações, palavra ou sons e a cada manifestação utiliza-se do repertório que traz interiorizado. Ele é aquilo que se mostra, é o que traz consigo sua individualidade, suas características, sua personalidade.

A categoria “coletivo” remete à compreensão e ao conhecimento cognitivo, relacionando-se também aos aspectos socioculturais percebidos pelos alunos, em um aspecto mais relacionado ao coletivo. Num âmbito geral da presente pesquisa, foram apresentados fatos e acontecimentos pertinentes ao contexto do Brasil, ressaltando a realidade de muitos brasileiros. As respostas desta categoria estariam relacionadas com a atualidade onde várias informações são processadas instantaneamente, tendo interligações e construindo uma colagem de ideias e informações.

Analisando os relatos, pôde-se perceber que houve algumas interpretações recorrentes em ambas as categorias. A seguir, relatam-se algumas dessas impressões. A partir da categoria “indivíduo”, consideramos as associações que os mesmos estabeleceram com sua vida pessoal. A estudante número 4 relatou que:

Nome: com a música, me agita, vontade de por tudo para fora de forma alegre, a imagem, me embaralha um pouco mas me faz sentir bem. No clip Carnaval a imagem faz imaginar nosso pensamento, muita, muita coisa, acabando em nada. Com a música me faz deprimir, muito devagar, lembrando passados. (Estudante 4, trecho retirado da Pauta do Olhar).

Chama atenção neste relato o conflito de reações provocadas pelos vídeos (ao mesmo tempo em que “embaralha”, faz “sentir bem”), e a vontade de se expressar de alguma maneira (“vontade de por tudo para fora”) e apresentar as associações que pode ter imaginado. De forma diferente, o vídeo provocou na estudante número 10 um despertar para algo que faz parte do cotidiano e que geralmente não se presta atenção: “Me provocou na forma em que às vezes falamos e ouvimos e não damos atenção às palavras e que estamos falando”. (Estudante 10, trecho extraído da Pauta do Olhar). Percebe-se nestes relatos, o conflito em demonstrar e extravasar emoções e sentimentos, refletindo sobre pensamentos e ações.

Em relação ao “coletivo”, alguns estudantes comentaram sobre aspectos amplos que se relacionam com o Brasil no contexto do carnaval e das relações humanas, trazendo a reflexão para os dias atuais de maneira a ilustrar sobre assuntos pertinentes que envolvem a sociedade. O estudante número 1 relatou:

Para eu (sic), o vídeo foi bem interessante pois ele fez uma crítica a sociedade, a qual eu principalmente e pessoalmente gosto, que é a do carnaval. Onde há tantas coisas bonitas no Brasil, como a nossa natureza, o nosso desenvolvimento e todos vêem nosso país como o país do carnaval, do samba. Onde o carnaval esconde todo o resto. O vídeo se fez interessante pela forma também que ele trabalha com o visual e o auditivo. (Estudante 1, trecho extraído da Pauta do Olhar).

Percebe-se que a aluna faz uma crítica quanto à visão que reduz o Brasil à ideia do carnaval. Além disso, o depoimento revela uma atenção para a relação que o artista faz entre a música e o visual. O estudante número 3 complementa dizendo que:

O vídeo traz a dimensão da fome relata sua real gravidade. O autor quando criou o vídeo pegou um assunto bem polêmico porque é um assunto que toca as pessoas. É um vídeo bem interessante pelo fato de ser um assunto que está presente no dia-a-dia mais pouco percebido. Particularmente assistindo fiquei agoniada. Mas gostei muito. Quando o vídeo começou falando de fome e osso a primeira coisa que me veio a cabeça foi a fome em alguns países. (Estudante 3, trecho extraído da Pauta do Olhar).

Neste relato o que chama atenção e a reflexão da aluna em relação à pobreza, algo presente em várias regiões do país. A mesma trata deste assunto ressaltando que é um problema que envolve não somente o financeiro, devido à má distribuição de renda, mas também a pobreza nas relações humanas de um modo geral. Já a estudante número 6 escreve:

Se trata de uma espécie de crítica, feita para retratar, a fome, e as coisas que acontecem no carnaval. Na minha opinião o artista quis colocar uma palavra sobre a outra e riscou tudo para representar que está tudo junto e um tem relação com o outro. (Estudante 6, trecho extraído da Pauta do Olhar).

Neste caso a estudante retrata dois assuntos condizentes à sociedade brasileira: a fome e o carnaval. É importante notar a relação que ela faz, afirmando que um não está separado do outro. Isto reforça sua apreensão de que o ato visual de rabiscar resultou em um efeito de aproximação daquelas palavras / realidades.

Desta maneira, percebe-se como é amplo e profundo o entendimento dos alunos em relação à abordagem. No que diz respeito aos elementos pertinentes ao cotidiano, foram obtidas respostas contrastantes, o que é evidente que os alunos estavam atentos aos cliques, sendo importante ressaltar que os alunos receberam um direcionamento para observar os cliques atentamente e perceber de que maneira foram construídos. Notam-se diferentes maneiras de interpretá-lo, enfatizando a abertura que a obra permite observar, o que acaba por estimular a reflexão do aluno. Foi possível verificar, assim, que a experiência não se tornou um mero exemplo, mas que proporcionou a fruição, possibilitando que os alunos utilizassem “[...] infor-

mações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa” (BRASIL, 2000, p. 43). É interessante apresentar aos estudantes esta característica relativa a múltiplas interpretações possíveis, podendo assim ampliar seus olhares, pois a obra não está pronta e acabada e sim em constante descoberta, ou seja, deixa o espectador completar sua significação, enriquecendo ainda mais o trabalho.

O fato da obra não ser linear é interessante por não criar um “começo-meio-e-fim” certo e único, ela está sempre retornando. Isto pode então prender o espectador na sua apresentação, tornando a obra dinâmica e possibilitando ao público a interligação com suas percepções, o que pode colaborar no processo de fruição.

O estímulo proporcionado pelas novas tecnologias acessíveis aos dias de hoje, propicia informações instantâneas, possibilitando ao receptor fazer conexões com suas ideias e relacioná-las ao conhecimento já internalizado, resultando em novos saberes.

CAMI S E T A S

291 ■

Durante o período de regência no estágio, enquanto estratégia de ação, a proponente utilizou camisetas onde estampou algumas poesias concretas de Arnaldo Antunes, afim de, despertar a curiosidade dos alunos sobre o assunto e motivá-los a ler, pensar e refletir sobre o conteúdo proposto. Além das camisetas foram explanados de forma oral e através de slides os seguintes poemas: “De campo amplo”, “Sempressa”, “Tira a asa”, “Vejo miro”, “Perder” e “Invento”, publicados por Arnaldo Antunes em 2002 (2014).

Antes de mostrar aos alunos a poesia em slides, uma das alunas perguntou: “Professora, o que está escrito em sua camiseta?”, referindo-se à poesia “Sempressa” (Figura 3). Isso demonstrou o quanto é importante o estímulo visual, pois dessa maneira a camiseta serviu como uma “seta”, apontando o que seria abordado nas aulas seguintes.

Foram explicados alguns procedimentos utilizados para a produção do poema concreto, entre eles: a exploração de todas as potencialidades das palavras e das combinações sintáticas:

A forma concreta, buscada e defendida, opera uma atualização radical dos recursos materiais (métrica, rima, aliteração, paronomásia, cortes e repetições de frase, neologismos, inversões sintáticas, plasticidade da letra impressa etc.) que se encontram dispersos e rarefeitos na poesia tradicional (SIMON; DANTAS, 1982, p.7).



Figura 3. Camiseta com a poesia “Sempressa” de Arnaldo Antunes. Fotografia da autora.

292

A disposição espacial das palavras na construção visual dá a elas possibilidades múltiplas de significados, modificando também a sua métrica, a tipografia, e utilizando-se de cores, pode-se chamar a atenção do olhar, explorando as possibilidades de combinações sintáticas, despertando, assim, a leitura não linear. Cada poema que é apresentado ao leitor provoca de certa maneira um estranhamento na sua leitura: “Portanto, nada mais natural que, um dia, a viagem visual prosseguisse para o não verbal e a Poesia Concreta passasse a incorporar a fotografia, a colagem, o desenho e os grafismos de toda ordem” (SIMON; DANTAS, 1982, p. 59).

Considerando essa afirmação dos autores, deu-se continuidade à proposta de elaboração da poesia concreta pelos alunos. Uma outra forma encontrada para registrar a aprendizagem dos envolvidos foi o diário de bordo, que consistia em uma folha recortada em formato de camiseta, onde em cada aula os alunos relatavam suas impressões (Figuras 4, 5 e 6). No decorrer do processo, aumentou a apreensão e interação dos alunos em relação ao conteúdo, quando estes passaram a apropriar-se dos recursos utilizados nas obras estudadas, para elaborar e preencher as “camisetas”.

Foi possível perceber a evolução do entendimento por parte dos alunos a cada novo encontro, reforçando o conteúdo e o processo artístico de cada aula. Foi considerado e analisado o processo de cada grupo e diferença significativa ao longo deste, enquanto no primeiro momento (Figura 4) os relatos se deram no formato de texto manuscrito linear, nos diários posteriores (Figura 5 e 6) já foram utilizadas as formas não lineares, com utilização de recursos e de técnicas da poesia concreta, para relatar o que tinham realizado em aula.

Houve sem dúvida por parte dos alunos a apropriação do conhecimento ao longo do projeto, com assimilação dos conteúdos abordados, exploração e apreciação dos diferentes recursos utilizados para estabelecer relação entre palavra e imagem, com utilização de cores, formas e desenhos, o que possibilitou chegar a um nível de reflexão, ao partir da relação das obras com seu contexto de produção, e com elementos da sua construção. A reflexão, segundo o PCN- Arte, é experiên-

cia onde “[...] importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística [...]” (BRASIL, 2000, p. 44).



Figura 4. Diário de Bordo produzido pelos estudantes. Fotografia da autora.

Figura 5. Diário de Bordo produzido pelos estudantes. Fotografia da autora.

Figura 6. Diário de Bordo produzido pelos estudantes. Fotografia da autora.

CRIAÇÃO

Aliar a pesquisa à prática pedagógica é muito importante, pois permite a reflexão sobre a prática em sala de aula, para compreensão do que foi realizado. Desta forma:

A educação em arte imprime sua marca ao demandar um cidadão criador, reflexivo e inovador. Se formar um jovem para o futuro é prepará-lo para situações incertas e para resistir às exigências da velocidade e da fragmentação que caracterizam a contemporaneidade. (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p.7)

Tendo em mente a necessidade de conectar teoria e prática, foi conduzida uma etapa voltada para que os alunos desenvolvessem processos criativos com base nas obras analisadas de Arnaldo Antunes. O procedimento prático nas aulas teve vários direcionamentos, tais como: pesquisa no laboratório de informática, exploração vocal, formulação de projeto, execução e apresentação.

A princípio foi proposta uma pesquisa no laboratório de informática, que pretendia experimentar diferentes tipos de letras (fontes), com o intuito de utilizá-las

para a criação de suas próprias poesias, e também para que refletissem sobre a forma visual que iriam utilizar. Sendo assim, cada aluno escreveu o que era significativo para ele naquele momento, provando os mais diferentes tipos de letras que haviam encontrado. As pesquisas foram conduzidas nos programas que os alunos já conheciam (*Word*, *PowerPoint*, *Photoscape*), e com a utilização de buscas na internet.

Observa-se nas experimentações dos alunos que os temas escolhidos para as poesias eram semelhantes, refletindo a parte amorosa, afetiva e conflitante. Expressava ali indiretamente as preocupações do cotidiano que os mesmos possuem.

Posteriormente, exploraram sons vocais não convencionais, a reprodução, criação e associação de sons diferentes produzido pelo aparelho fonador, levando em consideração as variações de timbres, alturas, volume, modulação e vibração do som vocal, com a intenção de observar as possibilidades sonoras das palavras que haviam escrito na poesia.

Concluída essa etapa, leu-se um poema de Arnaldo Antunes chamado “Socorro” (ARNALDO ANTUNES, 2014). Para uma melhor compreensão e troca de ideias, a turma foi distribuída em pequenos grupos para dialogarem sobre o poema e chegaram a várias reflexões sobre o mesmo. Cada grupo pensou em um tipo de sentimento que gostaria de expressar, então experimentaram sons vocais para demonstrar o sentimento que queriam revelar por meio da voz, nesse momento os grupos testaram os sons, explorando as combinações, emitindo os sons alternados, repetidos, fracos, fortes, contínuos e curtos e apresentaram para os demais. Buscaram soluções para as dificuldades encontradas durante o processo de execução da proposta, facilitando assim a interação e compreensão do processo artístico.

Após todas as experimentações, os grupos montaram um projeto, escolhendo uma palavra a qual desejavam exibir visualmente e sonoramente, explorando as diversas formas de construção da relação som/imagem/movimento, esse projeto primeiramente foi elaborado no papel, com discussões entre os grupos, fazendo escolhas de que maneira iriam executar a ideia. Para a montagem do projeto, os grupos utilizaram o programa *Movie Maker*, produzindo seus próprios vídeos, apropriando-se das referências poéticas e simbólicas da obra de Arnaldo Antunes bem como utilizando suas experimentações.

Ao todo foram elaborados seis vídeos, a partir dos processos criativos em grupo. Com os projetos concluídos, os alunos exibiram para a turma os resultados, o que foi muito interessante, pois possibilitou a ampliação de repertório e a análise das produções realizadas durante as aulas. Cada grupo pôde compartilhar suas experiências bem como observar as experimentações dos colegas, pois cada grupo teve uma escolha, e realizou o projeto de maneira diferente. Seguem aqui (Figuras 7 e 8) alguns recortes dos vídeos que os alunos produziram:



Figura 7. Recorte do vídeo “Bunda” produzido pelos estudantes.
Fotografia da autora.



Figura 8. Recorte do vídeo “Fome” produzido pelos estudantes.
Fotografia da autora.

Na Figura 7 está o processo de um dos grupos, que optou por utilizar além do *software* do *Movie Maker*® a técnica do *Stop Motion*, onde fragmentaram a palavra “Bunda”, fazendo montagens com palitos de picolé e utilizando a sonoridade empregada na experimentação, o que possibilitou uma nova percepção do significado explícito na própria palavra. A Figura 8 mostra o processo de outro grupo que utilizou somente o programa do *Movie Maker*®, explorando a repetição, formas invertidas e inversas da palavra, a sonoridade da palavra fome experimentada pelo grupo remete à sirene, alertando que se aproxima a hora da refeição. Nos dois casos citados, chama atenção, a maneira como foi construído cada um, pois se trata de um jogo com as palavras. Neste sentido podemos notar que o processo educativo envolve além dos conteúdos da arte, a expressão e criatividade. Por isso é importante ressaltar que:

A criatividade é a harmonia de tensões opostas, encapsulada na nossa ideia irrestrita de Lila, ou brincadeira divina. À medida que acompanhamos o fluxo de nosso próprio processo criativo, oscilamos entre os

dois polos. Se perdemos a alegria, nosso trabalho se torna grave e formal. Se abandonamos o sagrado, nosso trabalho perde contato com a terra em que vivemos. (NACHMANOVITCH, 1993, p. 23)

Neste sentido podemos perceber como os alunos criaram suas narrativas, bem como sua própria descoberta, neste contexto de exploração, invenção e criação. Todas as proposições pedagógicas realizadas de forma individual e coletiva foram relacionadas, de certa forma, com a subjetividade dos alunos e argumentos conceituais sobre a compreensão do fenômeno artístico, a obra e o artista. Neste sentido, o PCN- Arte aponta para a importância do fazer artístico, experiência em que tudo entra em jogo: “[...] recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte” (BRASIL, 2000, p. 43).

Durante o período escolar percebe-se que o aluno tem uma necessidade de mostrar o que faz, como uma forma de satisfação pessoal e para ter um retorno do seu processo de criação. Por esse motivo foi importante construir um debate sobre os trabalhos realizados e dialogar sobre o processo, para contextualizar os conteúdos pertinentes às aulas com as suas próprias produções, tornando o trabalho significativo e apto à compreensão do fenômeno artístico.

Conclusão

Ao realizar essa pesquisa, pôde-se perceber que além das múltiplas interpretações, e relações interpessoais, o processo de entendimento sobre determinada obra ou artista envolve a desconstrução de conceitos e a elaboração de novas ideias. Pode-se notar que o fato dos estudantes estarem atentos aos vídeos no primeiro momento, possibilitou a reflexão e a análise, sendo assim suas primeiras impressões por meio dos relatos os auxiliou no processo de compreensão e assimilação da obra. Nas propostas práticas foi possível observar a interação coletiva e suas transformações. Percebe-se assim, fruição e reflexão contribuindo para melhor compreensão dos conteúdos, de forma a colaborar para a produção artística coletiva.

Em se tratando da materialidade e espacialidade das palavras a estudante três escreveu no relato final: “Nunca pensei que poesia poderia ficar legal de ponta cabeça ou de lados invertidos”. O que chama atenção à reflexão feita por ela demonstrando assim que foi possível reviver o processo das ações, os desafios e as conquistas de saberes. Nota-se que no decorrer de todo o projeto, a possibilidade da teoria se esclarecer na prática, para que se possa entrar no universo poético e simbólico do artista, fazendo com que o aluno passe a experimentar também um novo olhar, uma nova vivência pelo viés da percepção.

No procedimento realizado por meio dessa vivência, foi possível verificar de que forma compreenderam os conteúdos, bem como as interpretações pessoais colaboraram para a construção do processo coletivo, onde aliaram a teoria com a prática, favorecendo o desenvolvimento da expressão, do senso crítico e a valorização da arte e do ser humano.

É interessante observar que, em possível desdobramento dessa pesquisa, pode-se aprofundar nos conceitos da arte bem como seu processo, é somente na execução de um planejamento que podemos melhorá-lo e ampliá-lo bem como compreender como se dão as etapas da aprendizagem, tornando assim o trabalho significativo.

S R
E
A R
L I Z A

297 ■

Referências

ANTUNES, A.(doc). **Arnaldo Antunes**. Direção de Arnaldo Antunes, Célia Catunda, Kiko Mistrorigo e Zaba Moreal. Kikcel produções. São Paulo. 1993. DVDteca Arte na Escola.

ARNALDO ANTUNES. Disponível em http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_artes_obras.php?id_tipo=4. Acesso em 30 set. 2014

ARSLAN, L. M; IAVELBERG, R. **Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARBOSA, A. M. (org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense,1985.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte. 2 ed. Secretaria de Educação Fundamental, v. 6. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GARDEL, A. A palavra-corpo e a performance poética em Arnaldo Antunes. **Sala Preta**. São Paulo, v. 8, p.223-234. 2008.

NACHMANOVITCH, S. **Ser Criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. Trad: Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

PILLOTO, S. S. D. **Arnaldo Antunes**. Material educativo para professor. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006. (DVDteca Arte na Escola- Material educativo para professor –propositor;106)

SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista das mídias locativas. **FAMECOS**. Porto Alegre. n. 37, 2008, p. 20. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/5550/5034>. Acesso em jun. de 2016.

_____. **Culturas e Arte do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SIMON, I. M.; DANTAS, V. **Poesia concreta**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

Recebido: 06/08/2015 - Aceito em: 15/10/2015